

A MAGNA QUESTÃO DAS ESTRADAS

AINDA E SEMPRE O MESMO CANCRO

VOLTA outra vez á t ela da discussão este importante assumpto.

Por nossa parte, se bem que não nos canecemos nunca de abordar as questões que, d'um modo muito directo e especial, affectam a expansão do turismo em Portugal, devemos, todavia, dizer que a nossa critica, as nossas sugestões e indica es, seriam mais do que suficientes para se tratar a serio d'um tão importante problema se n'este paiz houvesse a mais pequena no a das suas mais naturaes exigencias.

Infelizmente não acontece assim.

E' bem verdade que, em resultado d'uma persistente campanha, conseguiu-se que esse importante ramo de vitalidade nacional fosse subordinado a uma administra o autonoma. Cr emos, mesmo, que essa administra o terá empregado os seus melhores esforços para atenuar os efeitos da situa o precaria a que chegámos. Porém, o facto positivo   que estamos, não na mesma, mas ainda em peor situa o do que estavamos.

Chegámos, infelizmente, a um estado de que não podemos sahir senão por f rma diferente da que se está seguindo. E as necessidades da nossa actual vida não se compadecem com paliativos.

O concerta aqui enquanto ali está bom, não serve presentemente.

Agora, o que tem de se fazer   concertar tudo, porque tudo está mau. O que se torna urgente   uma grande obra de repara o, que não pode obedecer a programas minimos, nem a criterios de parcimonia. O que   absolutamente inadiv el   arranjar quasi todas as estradas porque quasi todas elas estão simplesmente intransitaveis.

Nem se diga que não ha dinheiro — porque quem assim o disser, mente.

Ora, se ele existe, ou sempre aparece para todas as bambuchatas que possam contentar os *famintos*, não pode deixar de o haver para essa importantissima obra de fomento nacional.

São precisos cinco ou dez mil contos — o que   isso em compara o com o que se tem loucamente gasto nos ultimos tempos em coisas cuja utilidade não ha ninguem que a possa reconhecer a não ser os felizes que teem sido contemplados nos diversos e pingues bodos?

Seja, porém, como f r, o que   preciso   atender de vez e rapidamente   soluço d'este magno problema, que não pode esperar os efeitos de criterios especiosos

que, porventura, tentem opor-se á sua unica e natural resolução.

As reclamações são unanimes, e continuam n'uma serie ininterrupta. Até ao parlamento já chegaram, sem que, porém, das instancias officiaes, tivesse vindo o compromisso d'um prompto e inadiavel remedio.

Torna-se necessario que se manifeste de novo a campanha até que surjam os resultados desejados?

Pois se assim é, a *Revista de Turismo* será o porta-estandarte d'essa campanha e irá até onde possa cantar gloriosamente a victoria.

PORTUGAL LA FÓRA

A OBRA DE RESURGIMENTO NACIONAL E A INFLUENCIA DA PROPAGANDA DO NOSSO PAIZ NO SEIO DAS OUTRAS NA- CIONALIDADES

QUEM tem tido a oportunidade de viajar pelas nações estrangeiras, embora observasse rapidamente as regiões que percorreu, notou que a maior parte das vezes as tão celebrisadas curiosidades artisticas e de qualquer outra natureza observadas n'esses logares, tem correspondentes em Portugal, se não encontramos dentro da nossa nacionalidade porventura recursos mais consideraveis, mais grandiosos e mais respeitaveis sob o ponto de vista da normalidade social, da educação e instrução que não são encontradas lá fóra.

Tudo o que de futuro se fizesse a este respeito, deveria, em nossa modesta opinião, ser orientado de modo que os estrangeiros, ao pizarem o solo patrio, não se impressionassem deveras com as dificuldades de informação, de transporte de bagagens e de segurança, com as quaes nós, os portugueses, topamos a cada passo.

Basta citar, como exemplo entre os americanos, a existencia das companhias de transportes com escritorios instalados dentro dos edificios das estações ferroviarias, por intermédio das quaes os objetos usualmente acompanham um viajante e sobretudo um turista e seguem invariavelmente o seu destino.

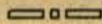
Bastante extranhavel é tambem que nos principaes edificios das estações ferroviarias da capital não haja postos de informações, não só do serviço dos caminhos de ferro, mas sobre outros assuntos mais usuaes e de expediente que nas grandes cidades americanas tambem se vêem nas praças e nos pñtos mais concurridos.

Não devemos hesitar em considerarmos a nação norte-americana como prodigiosamente progressiva e ordeira.

O respeito, a ordem e a tranquilidade impõem-se ali de uma forma verdadeiramente imponente, dando a essa grande patria dos *yankees* toda a sua enorme riqueza, creando toda a especie de energias moralisadoras e conducentes ao seu desenvolvimento material, intelectual e, consequentemente, moral.

E um dos assuntos que mais tem atrahido a atenção dos meios officiaes norte-americanos tem sido a maneira de organizar uma fiscalisação rigorosa sobre tudo quanto diga respeito á publicidade, principalmente importado da America, porque, se entre nós principiássemos a pensar a serio n'estas coisas, muitas publicações, peças teatraes e fitas cinematograficas sofreriam uma redução em quantidade que, de modo algum, prejudicava as

empresas, visto que não é sómente de assuntos enervantes e dissolventes que o publico precisa de munir-se e de assimilar nas suas diversões; mas, bem pelo contrario, de adquirir noções exatas da realidade sem o sentimentalismo exagerado e o sensualismo que infelizmente está arruinando a nossa raça.



Tudo isto influe na boa ou má impressão recebida pelos estrangeiros ao visitarem Portugal e ainda mais na propaganda a efetuar, por seu intermedio, lá fóra, porque são os turistas geralmente elementos de propaganda e de recomendação, que não podemos desprezar. Acresce a isto o facto de não encontrarmos lá fóra, especialmente na America do Norte, folhetos de divulgação, postaes ilustrados e outras gravuras representando as belezas naturaes e artisticas da Metropole Portuguesa, das ilhas adjacentes e das possessões ultramarinas; dando-se o caso, para lamentar, de serem os estrangeiros os primeiros a descobri'as poucas vezes para depois as vulgarisarem aos seus conterraneos.

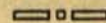
De uma consistente propaganda e de uma rigorosa fiscalisação em todo os meios de publicidade resultará uma rapida e benefica transformação na vida nacional portuguesa, no sentido de a colocar orgulhosamente entre as nações antigas, em uma situação sobremaneira elevada e insinuantemente civilisadora.

Não temos sabido aproveitar convenientemente as nossas gloriosas tradições; o esteio, a alma, a base fundamental de uma nacionalidade; e a nossa mentalidade a nossa pleiade de eminentes escritores, poetas, oradores, artistas só de longe em longe, é geralmente conhecida pelos nossos compatriotas que se não dedicam acendradamente ao estudo.

Nas escolas faltam os livros verdadeiramente educativos, elucidando a creança e todos aqueles que tem necessidade ou ocasião de aprender a nossa lingua; sobre as belezas naturaes do paiz, das suas principaes lendas e tradições, tão cheias de

encanto e naturalidade que os alemães, por exemplo, fazem derivar da mitologia, creando a uniformidade de pensamento e ação, fomentadora de um avançar enorme nas investigações scientificas, no aparecimento de novas empresas, na fabricação de novos produtos. Assim se consegue suscitar no espirito da creança o amor da Patria, fazendo-se-lhe comprehender o entusiasmo e gloria por meio do misticismo e inculcando-lhe caracteres perfeitamente distintos, igualmente assinalados no verdadeiro modelo educativo, constituido pela escola americana.

Se alguma cousa entre nós se tem realisado n'este sentido, é de uma imperfeição flagrante a qual temos, fatalmente cedo ou tarde, de corrigir.



Voltemos agora as nossas atenções para o movimento das grandes cidades norte-americanas e procuremos ahi alguma cousa de util ao nosso paiz.

Uma das principaes impressões que recebemos, a par de uma certa perturbação resultante do transito colossal de New-York, Chicago, Philadelphia ou de São Francisco da California, é o socego em que todo essa multidão labuta, a naturalidade pouco expansiva e nada espalhafatosa com que o povo americano trata dos seus negocios e regularisa a sua vida usual.

A par do caracteristico asfalto no pavimento das ruas, ha arterias especialmente destinadas ao transito de automoveis para o transporte exclusivamente de pessoas, e, excepcionalmente, aos carros levando as malas do correio. Depois nota-se a impecavel correção da policia americana no estabelecimento da ordem, na disciplina, na prontidão de transmitir ordens, rapidamente obedecida e respeitada; alem d'isso essa bela instituição americana tambem comprehende excelentes elementos de informação, dos melhores talvez que na America se encontram.

Não menos importante é o aceio verificado na America desde as ruas ás casas particulares mais pobres, sujeitas tambem

á fiscalisação policial, nomeadamente para o numero de pessoas que ahi podem alojar-se.

Assim, nas salas de espera das estações de caminhos de ferro o aceio é irreprehensivel, e este marulhar irremovível das multidões latinas, desaparece para dar lugar a um relativo silencio; o silencio pelo respeito da ordem.

Por estes motivos e independentemente do imenso respeito, o americano tem a liberdade de frequentar os meios de diversões, seguindo uma vida metódica e dedicando-se com afino ao trabalho honesto.

N'esta nossa poderosa nacionalidade que decidiu os destinos do mundo, o parasitismo latino imobilisa nas capitães da metropole inumeros braços por outro modo mais uteis á Patria, enobrecendo-a e tornando-a digna de nossos antepassados.

Pelo que deixemos exposto facilmente concluimos a necessidade de entrarmos em vida nova, regenerando os nossos costumes e dando oportunidade a que o nome de Portugal seja justamente venerado pelos estrangeiros, não significando isto de modo algum negar-se a ausencia de recursos mais do que suficientes para a execução definitiva da obra de resurgimento nacional.

BRANDÃO PEREIRA

DR. BRANDÃO PEREIRA

Sob o título *Portugal lá fóra* insere o nosso numero de hoje um interessante artigo do Sr. Dr. Brandão Pereira que, recentemente chegado da America do Norte, procurou a nossa Revista para justamente apreciar e verberar a falta de propaganda de Portugal no estrangeiro principalmente, n'esse grande paiz do novo continente onde essa lacuna è muito sensivel.

Dando as boas vindas ao novo colaborador da *Revista de Turismo*, esperamos a continuação dos seus artigos sob o interessante criterio a que subordinou o que hoje publicamos e que se coaduna perfeitamente com a indole d'esta publicação.

Relações Ferroviarias Internacionaes

O nosso muito querido amigo e distincto Redactor principal d'esta Revista, sr. Guerra Maio, que está actualmente dirigindo, em Paris, o posto d'informações sobre Portugal que a Sociedade Propaganda ali mantem, acaba de publicar, sob o titulo que serve d'epigrafe a esta noticia, um muito interessante e curioso trabalho.

N'ele o ilustre publicista aborda a questão mais palpitante para a nossa vitalidade, qual é o problema sobre as nossas relações ferroviarias internacionaes; demonstrando além d'um profundo conhecimento da questão, que é tratada confiadamente em todos os mais delicados detalhes, uma perfeita lucidez sobre a necessidade da expansão do nosso paiz, pelo interesse, comodidade e atractivos que oferece aos estrangeiros.

Guerra Maio fez subordinar o seu valioso trabalho aos seguintes capitulos:

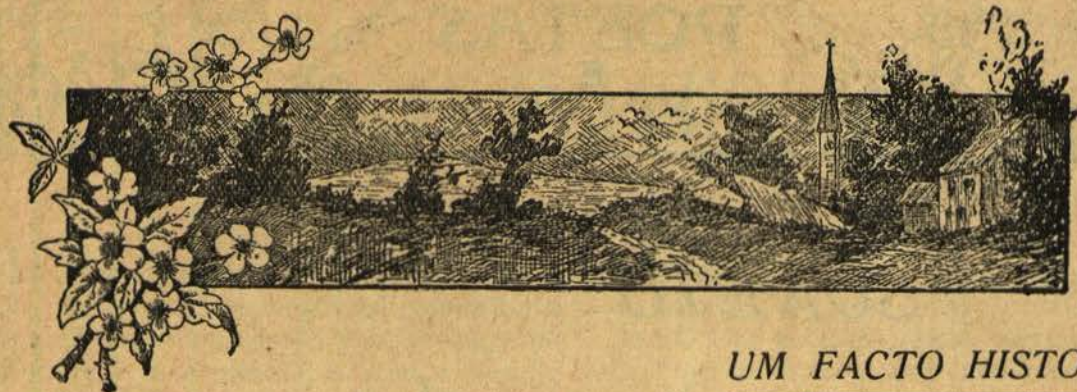
- O Sud-Express.
- O Expresso Lisboa-Medina.
- O Rapido Porto-Medina.
- O Rapido de Madrid.
- Tarifas internacionaes.

e, em todos eles, a sua dissertação, assentando em dados concretos, chega a resultados concludentes e que constituem preciosissimos subsidios, senão a forma pratica da rapida resolução do magno problema das nossas relações internacionaes.

Essa obra é muito extensa para que a inseremos — como era nosso desejo — integralmente nas columnas d'esta Revista.

Isso, porém, não obsta a que d'ela traslademos os trechos que mais interesse despertem aos nossos leitores.

Felicitando o nosso querido Redactor principal, d'aqui lhe enviamos um saudoso e reconhecido abraço.



UM FACTO HISTORICO

A viagem aérea de Lisboa ao Brazil

A *Revista de Turismo*, sob a sua indole patriótica, não pode deixar de consagrar algumas palavras a essa arrojada empreza, que é a viagem aérea de Lisboa ao Brazil, tentada por dois illustres portuguezes, os comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que na realisação da sua patriótica idéa, vão já cortando os astros por *caminhos nunca d'antes navegados*.

Exaltar a importancia d'esse facto, é desnecessario, porque ele impõe-se pelos seus especiaes caracteristicos que, de resto, são os naturaes d'esta raça de heroes, na lata e verdadeira acepção do termo.

Caminham os arrojados aeronautas sob a influencia d'esse signio que levou á Gloria a inesquecida façanha de 1500. Então, a Cruz de Christo mostrava-se reluzente de dominio sobre as velas aos ventos, conduzindo as frageis naus portuguezas. Agora, a mesma Cruz protege de novo a arrojada viagem entre os dois continentes, insuflando aos intemeratos aviadores o mesmo espirito de audacia, de resolução, de sacrado heroismo.

In hoc signo vinces.

...E tanto basta para que auguremos a esta temeraria empreza o retumbante exito que caracterizou a de Pedro Alvares Cabral.

Para nossa maior convicção, até surge

a identidade d'apelidos entre esse heroe da quasi lenda e um dos bravos tripulantes da *pomba luzitana*. E se ainda alguma duvida nos restasse, ela seria imediatamente desfeita em face da auctorizada pericia dos dois insignes aviadores, testemunhada exuberantemente com a precisão da primeira étape d'essa arrojadissima viagem.

São eles que vão dar ao mundo inteiro mais um exemplo da nossa vibrante coragem, da nossa grande audacia e da nossa delicada inteligencia; e atravez d'essa façanha, o nome de Portugal irá ao conhecimento de muito povo que nunca supoz que existissemos como realmente somos.

Será este o primeiro grito do resurgimento nacional?

Se assim fôr, bem haja tambem, por isso, os notaveis e destemidos marinheiros e aviadores; e os seus nomes não só figurarão reluzentemente nas paginas doiradas e imorredoiras da nossa Historia, mas marcará mais um marco miliario, refulgente de patriotismo, brilhante pelo exemplo incontestavel, na vida d'este povo unico e incomparavel.

Juntando a nossa debil voz ao coro unisono de bençãos e de glorias aos dois verdadeiramente illustres portuguezes, aqui lhes consagramos o nosso mais rendido preito.



SONETO

A ti...

*Como o fulgor do sol que se não apaga,
Como o bramir do mar que não dormece
E vae a soluçar de plaga em plaga,
A suplicante e dolorosa prece;*

*Como o vento que ruge sobre a fraga
E ondeia levemente a loura messe,
Como um olhar que passa e nos afaga,
E o coração de subito estremece;*

*Assim tu és p'ra mim doçura e flamma,
A luz divina de um propicio astro
Que meus passos guia e minha alma inflamma,*

*E deste amor, por toda a minha vida,
Ha de ficar um perfumado rastro
De carinho e saudade indefinida.*

J. DE MELO VIANA

Paris, Dezembro de 1921.

 RELAÇÕES FERROVIARIAS INTERNACIONAES

O "SUD-EXPRESS,"

 POR GUERRA MAIO

Foi restabelecido diariamente o *Sud-Express*, esse magnifico comboio que liga directamente Lisboa com o centro da Europa. A sua marcha é quasi a mesma; apenas em França gasta mais cerca de duas horas do que antes da guerra, o que aliás é explicavel, devido ao mau estado das linhas francezas que, depois de 1914, não sofreram, por assim dizer, reparações.

O *Sud*, tem como principal missão encurtar a distancia da Europa á America do Sul, e para o seu aperfeiçoamento não se teem poupado as companhias a sacrificios. Mas apesar d'isso, ele está longe ainda, mesmo muito longe, de servir capazmente a sua missão. E' preciso que a sua partida de Lisboa seja a horas propicias, para os passageiros o aproveitarem, quer venham da America do Sul, quer da Africa Occidental. Antes da guerra partia ás 13 horas, o que dava já uma certa facilidade a quem chegasse por mar, pela manhã, e quando a visita da alfandega não fosse demorada. Mas no sentido inverso, com a chegada a Lisboa ás 19-8, e por consequencia uma dormida obrigatoria em Lisboa, não fazia sentido.

Tem-se falado na possibilidade do *Sud* partir de Lisboa á noite, para chegar a Paris ao segundo dia pela manhã, com um percurso de 36 horas; e inversamente partir de Paris tambem á noite, para estar em Lisboa igualmente de manhã.

Facil é porém demonstrar a inconveniencia de tal horario, porque sendo em 1914, o percurso de Lisboa a Paris feito em 31 horas e 54 minutos, não só tinhamos de futuro de deixar de pensar em reduzir essa marcha, como pelo contrario tinhamos ainda que alargal-a. Senão, vejamos: de Lisboa a Medina, n'essa occasião, gastavam-se 13 horas; e de Medina a

Paris 18,38, o que com os 16 minutos de demora ali, para tração, prefazia as 31,54. Um e outro d'estes percursos podem ser reduzidos, uma vez concluida a 2.^a via entre Entroncamento e Albergaria e Coimbra-B e Pampilhosa; renovada a linha da Beira Alta, pelo menos até Guarda, e reforçada a linha e as pontes de Fuentes de Oñoro a Salamanca, de forma a aqui se poder dar passagem a machinas pesadas; e assim não é demais augurar uma redução de duas horas n'este trajecto.

Além de Medina poder-se-ha tambem reduzir o percurso, logo que esteja concluida a segunda via nos 77 kilometros que lhe faltam entre Miranda do Ebro e Victoria, para o que póde tambem concorrer o estabelecimento, da parte do Norte de Hespanha, de um comboio só para nós, com a supressão de algumas paragens, que nos seriam inuteis.

Na parte franceza, o *Sud* tinha já a velocidade maxima, não atingida por nenhum outro comboio; mas como a ida ao ramal de Biarritz podia ser substituida por um trasbordo na Négresse, como agora se faz, d'ahi nos adviriam uns 20 minutos, que a juntar ás outras reduções apontadas, fariam uma viagem de Lisboa a Paris em 29 horas!

Vejamos agora como seria impossivel fazer esse comboio á noite, para gastar no percurso duas noites e um dia. Suponhamos que ele partia de Lisboa ás 23 horas; ponham-se-lhe mais 29 horas em cima, e ter-se-ha a chegada a Paris ás 4 horas da manhã!!!

...E com a agravante da passagem na fronteira luso-hespanhola ás 6 horas da manhã, e com uma torreia de sol, um dia inteiro, no verão, atravez da Castela-a-

Velha, dentro dos acanhados compartimentos do «Wagon-Lit».

E' certo que actualmente se passa um dia inteiro em França; mas não só a temperatura é menos violenta, tanto no Midi, como em Orleans, como, tambem, o serviço é feito com salões, mais commodos para de dia, a não ser que se quizesse meter no percurso hespanhol um salão, o que ia onerar consideravelmente a tração.

Outros inconvenientes de importancia, ha ainda para tal horario, que a seguir vão apontados, mas agora me ocorre uma pergunta: Querem fazer de Lisboa o Caes da Europa? Então faça-se, mas que seja perfeito. Deve-se levar o passageiro directamente ao Caes e ali fazel-o embarcar, sem mais dificuldades. Não deixa aqui dinheiro, nem vê o que de bom temos para lhe mostrar? Pouco importa. Tambem o passageiro, ao chegar ao caes de Ostende, depois de atravessar o centro da Europa, para seguir d'ali no vapor para a Inglaterra, não vê a Belgica senão pela janela do comboio, nem vê essa maravilha da «digue» de Ostende, senão de relance; mas alimenta com a sua passagem, esse magnifico serviço ferroviario que começa em Constantinopla e atravessa varias cidades da Europa.

E' o mesmo que devemos fazer em Portugal. O passageiro passa a correr o nosso paiz. Olha de um golpe a torre de Belem e os Jeronymos—deixal-o. Um dia virá em que possa dispor de uns momentos mais longos para nos visítar.

Depois, nem todos os passageiros teem pressa; alguns ha que, ao chegarem a Lisboa, depois de 12 monotonos dias atravez do Atlantico, lhes apetece ficar, atrahidos talvez pelo reclame d'aqueles que nada viram por levarem as horas contadas.

Ao referir-me a esta perspectiva não deixarei de consagrar aqui a minha homenagem ao novel engenheiro Antonio Belo, pelo seu admiravel projecto da transformação de Lisboa, e cuja parte principal é fazer uma estação maritima no terraplano da Alfandega, onde os comboios expressos internacionaes iriam levar ou buscar

junto dos vapores, os passageiros da America do Sul.

Imagine-se agora, em contrario, a chegada do *Sud* á noite, obrigando o passageiro a ir dormir para o hotel, para embarcar no dia seguinte; ou então de manhã, ás primeiras horas, para ir para o Caes, esperar, sentado nas malas, que o vapor atracasse para embarcar!

Que serie d'inconvenientes, d'incomodos e d'embaraços trazia um tal serviço!

E' preciso sêr-se pratico; e assim, deve-se procurar as maiores facilidades d'acesso e de transitio!

O trasbordo deve ser rapido, sem embaraços nem peias alfandegarias, para que o nosso porto tenha o justo nome de *Caes da Europa*.

REGISTO

Imprensa

O nosso brilhante e muito ilustre colega *A Epoca* registou ha pouco o seu aniversario, pelo que lhe endereçamos as nossas afectuosas saudações; apresentando ao seu Director, Sr. Engenheiro José Fernando de Souza, a homenagem do nosso respeito.

Aos estimaveis e distintos colegas «Correio da Manhã» e «Diario de Lisboa», a *Revista de Turismo* tambem apresenta as suas mais affectuosas saudações pelos respectivos anniversarios, enviando-lhe os seus sinceros votos de longa e prospera vida.

—Recebemos a visita do «Correio da Madeira», que acaba de iniciar a sua publicação diaria no Funchal

E' um jornal moderno, tornando-se atrahente a todos os titulos.

Agradecendo a deferencia do nosso novo colega, endereçamos-lhe, com os nossos cumprimentos, o desejo de que a sua carreira per dure gloriosamente.

Boletim d'emigração

RECEBEMOS o numero d'este Boletim referido ao I.º trimestre de 1921, publicado pelo commissariado Geral dos Serviços d'Emigração. Agradecemos a remessa,

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

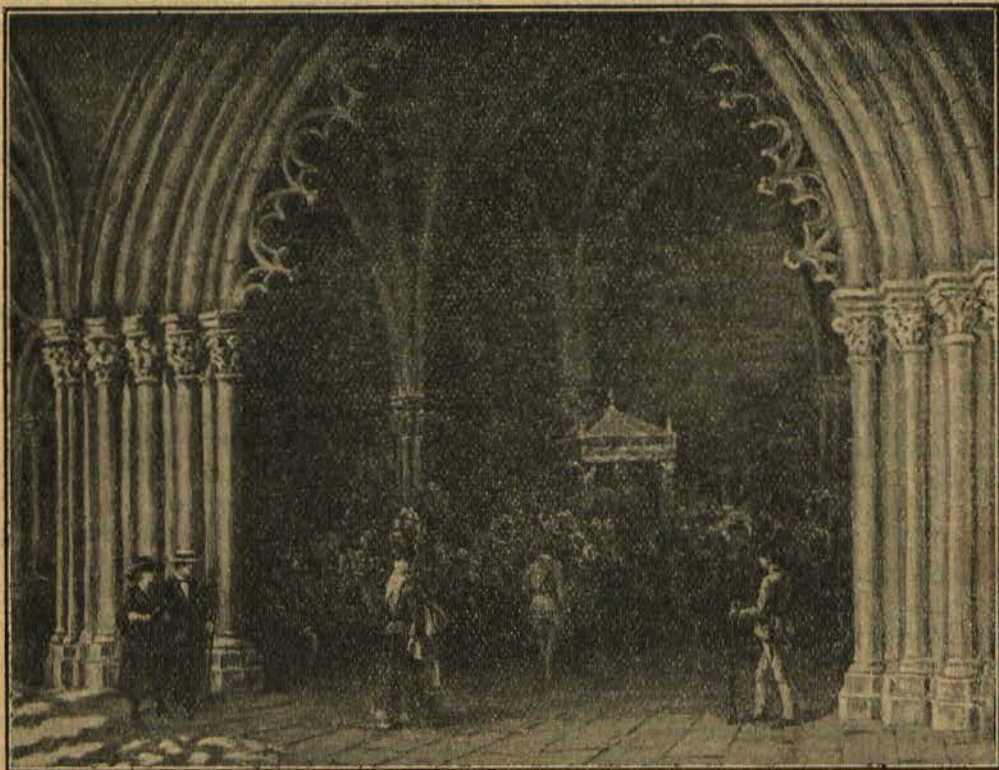
A grande Exposição de Pintura

Nos vastos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, á Rua Barata Salgueiro, exhibe-se presentemente a maior e mais interessante exposição d'este ano.

Como já foi dito no artigo que publicámos n'um dos ultimos numeros d'esta Revista, a estação citadinhã, prestes a fin-

interesse sugerido pela que presentemente se exhibe na Sociedade Nacional de Belas Artes, não só pela quantidade dos artistas que ali se fazem mais uma vez revelar, como pela diversidade dos auctores e das suas obras.

Não nos julgamos auctorizados a fazer a respectiva crítica, não só porque somos



NA BATALHA QUADRO DE RIBEIRO CHRISTINO

dar, foi exuberante de exposições de pintura, algumas de artistas já conhecidos, outras de individualidades que pela primeira vez se apresentaram em publico. E se, na sua maioria, essas exposições atrahiram pelos trabalhos ou pelos auctores, o certo é que nenhuma d'elas despertou o

leigos no assumpto, como tambem porque, tratando-se d'um certamen onde avultam os nomes dos nossos primeiros artistas, já por vezes consagrados como mestres, não poderá nunca, em boa consciencia, a nossa audacia chegar ao ponto de, publicamente, expôr sob uma pseudo e irriso-

ria forma auctorisada, as impressões que colhemos e que, se nos sensibilisaram em obras que á nossa modesta apreciação se afiguraram como preciosidades, tambem nos deram a ideia d'uma original extravagancia em outras cuja interpretação nos foi difficil, senão impossivel.

Assim, pois, limitamo-nos a constatar o facto, exaltando-o pelo que de interessante tem para a vida social, especialmente como manifestação da nossa cultura e da nossa idiosyncrasia, como tambem pelo que importa como factor de distração para o forasteiro quer nacional quer estrangeiro.

Sob este aspecto não podemos deixar de aplaudir o esforço dos expositores, e se este nosso modesto aplauso póde servir de incentivo para que eles progridam e multipliquem as suas produções sob a forma que lhes confirme a sua consagração ou lhes abra o conceito para novas glorias.

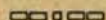
Todo o nosso desejo é que os artistas portuguezes sejam sempre os primeiros — gloria propria, gloria comum. Assim, a sua fama, a fama da exposição dos trabalhos dos «mestres portuguezes» poderá correr Mundo, e isso será um motivo mais de verdadeira atração para o nosso Paiz e de incontestavel valor no augmento progressivo da população fluctuante, d'onde advirá para esses astistas a justa compensação moral e material dos seus esforços, e para a nossa patria, alem de mais uma merecida glorificação, o beneficio duplamente economico, proprio e comum, como natural consequencia d'esse industrial atrativo.

E' do programa dos turistas a visita a exposições. São esses museus a que eles dedicam uma boa parte da sua estada, que lhes proporcionam o ensejo de avaliarem a cultura dos povos, o seu grau de progresso, a forma de exteriorisarem os seus sentimentos. Por isso, as exposições artisticas constituem sempre um precioso elo de simpatia entre os povos cultos, um apreciavel traço d'união entre os intellectuaes mundiaes, trazendo como alnatur, imediata e logica consequencia o expon-taneo reclame, a indução suggestiva, o interesse que é despertado em se conhecer

o paiz e o povo onde figuram esses astros de primeira grandeza.

Como meio de propaganda dum povo culto é de seguro efeito.

Por isso e encarando sob este prisma a exposição que está patente na Sociedade Nacional de Belas Artes, não podemos deixar de, mais uma vez, lhe prestar o nosso aplauso, consignando os louvores a que os expositores teem merecido jús.



Entre esses illustres artistas, figura, com algumas muito interessantes produções, o nosso querido amigo e distincto colaborador, sr. Ribeiro Christino, que é um artista mixto, quer em desenho, quer em pintura, quer como escriptor, quer ainda como investigador e critico de antiguidades, cujo valor se acha vibrantemente consignado nas suas multiplas e variadas produções.

Dos quadros expostos por Ribeiro Christino n'essa muito interessante exposição, sobresaee com justo relevo, a sua notavel téla da jazida dos soldados desconhecidos no Mosteiro da Batalha, que é uma verdadeira obra prima, não só pela concepção como pela interpretação perfeitissima a todos os respeitos.

A nossa gravura dá uma idéa d'esse seu esplendido trabalho.

Isso nos dá ensejo para mais uma vez aqui manifestarmos a nossa maior admiração pelo seu genio, pelas suas incomparaveis faculdades de verdadeiro artista e pela especial delicadeza do seu infundivel traço. Felicitamo-lo, pois, pelo brilhante exito que acaba de justamente obter, endereçando-lhe, com os nossos cumprimentos, o preito d'uma religiõsa amizade.

J. L.

REVISTA DE TURISMO

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont.— semest.	2\$00
Ano.....	4\$00
Colonias—ano.....	7\$50
Extrangeiro—ano.....	10\$00
Numero avulso \$40 (400 réis)	

CARTAS DE PARIS

A festa da «Micarême» — A Rainha das Rainhas — Uma festa tradicional que quiere reviver — A neve e o frio prejudicando o cortejo triumphal — Um throno vasio

A festa da *Micarême* em Paris é o grande Carnaval, a grande folia parisiense. Ha três anos que ela procura o seu antigo esplendor, se bem que o não tenha ainda conseguido. E' difficil retomar habitos e tradições que uma longa e cruenta guerra obrigou a pôr de parte.

No entanto, a animação este ano já foi maior do que no ano passado; e tudo leva a crêr que, se não voltar á sua antiga importancia, a *Micarême* tomará de futuro um lugar de destaque nas grandes festas da cidade da luz.

A principal atração da *Micarême* é a eleição da rainha de cada um dos vinte bairros da capital, e depois a eleição, entre estas, da Rainha das Rainhas.

E' um apuramento por finaes...

Dois mezes antes, na *Mairie* de cada bairro, reúnem-se as *midinettes* que o habitam, e a rapaziada bravia elege a sua rainha. Esta, elevada ao trono efemero, escolhe por sua vez as suas duas damas de honor.

E' bom aqui lembrar que nem sempre é escolhida a mais bonita, nem aquela que mais tinha direito a *reinar*.

Este ano, então, pela mão diabolica do Destino, foram eleitas «rainhas» as caras mais feias de cada *arrondissement*.

Elas que me perdoem a franqueza; mas nem nos espiritos mais democraticos se perdôa a uma rainha que o não seja, por qualquer modo, na verdadeira significação da palavra.

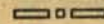
Imagine-se o trabalho que esta dose de «rainhas parisienses» deram aos photographos para lhes comporem o physico!

Que ideia teria feito um estrangeiro re-

cemchegado a Paris, da mulher parisiense, ao ver passar esse bando de *rainhas* para as quaes a Beleza foi madrasta?!

E Paris, com tantas mulheres bonitas, com tanta cara cheia de graça e de frescura, este ano elegeu *rainhas* as suas mais modestas vassalas!

Que ironia da sorte...



Este ano, porem, o trono de *Rainha das Rainhas*, era, além de honroso, rendoso; pois a venturosa eleita, recebeu como premio, um dote de vinte mil francos, um relógio de ouro, dadia do sr. Presidente da Republica, uma maquina de escrever, uma mobilia para quarto de dormir, cuja cama era de apurado gosto — emfim, o bastante para uma vida venturosa.

Mas a *rainha*, mal se viu eleita, comprehendeu bem o seu papel. Foi a recepções, appareceu nos grandes armazens, enviou saudações ás colegas dactylographas do Universo, deitou entrevista nos jornaes, declarando que nada menos de dez cavalheiros, avidos certamente dos seus vinte mil francos e de habitar o belo quarto de dormir exposto no Gaumont, tinham pedido a sua mão.

Ela não tinha dado atenção a esses galanteios; uma *rainha* não pode casar senão com um principe.

Depois vieram coisas tetricas, como parte integrante da phase dramatica: assim ela recebeu cartas anonimas, ameaçando-a. Uma d'elas avisava-a de que no dia do cortejo ser-lhe-hia atirada uma cadeira á cabeça. Outras juravam espancal-a etc., etc.

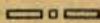
Pobre *rainha!* Como depressa subiu os degraus do seu trono!

Como anteviu rapidamente a vida espinhosa que faz parte dos programas reais?

...Mas Paris estava entusiasmado com a sua festa da *Micarême*, e prometia vir para a rua saudar a sua *rainha* e o seu cortejo triumphal.

Quem não esteve de acordo foi o Tempo, esse eterno desmancha-prazeres. Na vespera do grande dia, S. Ex.^a appareceu de tal maneira carrancudo, deitando sobre a grande cidade tantos flocos regelados de neve, que a *rainha das rainhas* viu derruir o seu trono antes de lhe subir os degraus.

Imagine-se a raiva e o horror da pobre senhora que toda a noite não dormiu, espreitando o ceu, a ver se de lá lhe vinha um pouco de comiserção!



Porém, na manhã do dia triumphal, a neve levantou o seu manto de arminho,

e, n'um grande gesto de comiserção, deixou sahir o cortejo.

O commercio, como de costume, fechou as suas portas e toda a gente veio para a rua. Os passeios dos «Boulevards» encheram-se de pessoas. O frio porém cortava, varria tudo, n'um devastação.

O cortejo sahiu, a *rainha* subiu os degraus do seu throno, que era armado n'um grande carro engalanado. Uma vez ali, começou a atirar beijos á multidão.

Pequeno reinado foi aquele, porque o vento agudo que fazia sacudiu depressa do throno a *rainha das rainhas*, que se foi acolher ao auto-omnibus em que iam as outras *rainhas*, agasalhadas nas suas peles, e a receberam certamente com comiserção.

E o cortejo lá foi, *boulevards* fóra, mostrar ás massas estupefactas um trono vasio, d'onde um grande vento repelira a *Rainha das Rainhas*.

...Signaes dos tempos...

Paris, Março 1922

GUERRA MAIO

PORTUGAL PITORESCO

A SERRA DA LAPA E A

CAPELA DE NOSSA SENHORA

(Continuação)

Os dias da novena são dias cheios, dias de benção e graça. Para mim, como para todos os que ali vão, são dias de retiro, de saneamento moral. Quantas almas ali se regeneram, ali retemperam suas forças! Se as paredes d'aquello templo, se as taboas d'aqueles confessorios falassem...

.....
Ao meio da novena, começa o triduo eucharistico.

A este tempo, o Sanctuario é sempre uma formalha de amor ao bom Deus na Hostia Santa, e a Maria Santissima na sua Lapinha.

— E eu que hei de ver isso tudo, se Nosso Senhor me der vida e saude...

— Hade ver mais. Hade ver, n'um *motu continuo* gente e gente de joelhos—de rastos—desde o *Miradoiro da Piedade* ao Sanctuario. São promessas cumpridas por beneficios extraordinarios da *Senhora*. Alguns d'estesromeiros vi (eu, exhaustos, banhados de suor, a pedirem aos que os amparavam, uma gota de agua para poderem cumprir, até ao fim, o seu voto. Em volta do Sanctuario, hade ver o mesmo.

Hade ver uma mãe de joelhos tambem, com o filhinho ao colo, porque elle estava

morto, por assim dizer, e a Senhora da Lapa lh'o resuscitou.

Hade ver chegar, de longes terras, procições, ou os povos de varias freguezias, entoando a Ladainha de todos os Santos, com seu parochó á frente. E' um costume antiquissimo. Está na tradição do Sanctuario, e bom, seria que o zelo dos parochos os não deixasse perder.

Hade ver romeiros cobertos de pó, alagados em suor, rendidos de fadiga; mas alegres, a perguntarem pelo «*Senhor Padre Ferreira*», e a deporem em suas mãos, valiosas ofertas.

Perguntará, como eu perguntei:

— E d'onde vem tão boa gente?

De Fafe, de Celorico, de Santa Quitéria e d'outros pontos mais afastados. Andaram a pé toda a noite, todo o santo dia. D'uma romeira minhota sei eu que quiz vir até á *Senhora da Lapa*—vinte leguas talvez — jejuando a pão e agua. A penitencia era tal, que desmaiou no caminho, e só a muito custo chegou á Lapinha dos seus amores.

E' muito antiga a devoção dos minhotos á *Senhora da Lapa*. Poderão esquecer a sua *Senhora do Sameiro*, mas nunca a *Senhora da Lapa*.

O templo (a proposito, disse o Padre Benevenuto, baixando mais a voz, o «*Snr. Padre Ferreira*» publicou uma edição de postaes illustrados, e por eles fará idéa do que é este logar sancto) só tem riqueza no que serve directamente ao culto da *Senhora*. Os paramentos estão recamados de ouro e prata. No altar da *Lapinha*, ha preciosos marmores e um frontal de prata. Sobre a cabeça da *Senhora*, ha uma corôa, de prata tambem, esmaltada com brilhantes de pura agua. Já tem a sua historia esta corôa.

O collegio, como costumavam ser as obras d'estes padres distinctissimos em todos os ramos do saber é vasto, com corredores espaçosos, abobadados, paredes de praça forte, de grande espessura, que não deixam entrar ali nem frio, nem ca-

lor. ⁽¹⁾ Para as minhas meditações, não acho logar mais acomodado.

Não sei onde se beba agua tão pura, tão cristalina, tão fresca. Quantas e quantas vezes, sem o haver mister, eu bebo d'aquella agua.

D'agua como a da *Lapa*, bebe-se sempre: em jejum, á comida, no estio, no inverno, de dia, á noite. Nunca, faz mal; só bem.

Com a agua da *Lapa* costume eu dizer aos romeiros — lave-vos todos os dias, sempre que vos apetercer. Lave as mãos, os pés, o rosto, o corpo todo; lave os vossos filhos, as vossas roupas, as vossas casas. A agua da *Lapa* nasce da viva rocha, aos pés da *Senhora*. Bastava isso para produzir efeitos maravilhosos. De fé tenho que os produz.

A *Fonte dos Clerigos*: não julgue que é qualquer fonte. E' obra d'arte, que podia figurar n'uma cidade; mas, meu amigo, está muito escalavrada. A cruz que a encimava, desaparecida; os piães, uns quebrados, outros fóra do seu lugar; uma das bicas entupida, um lodassal fóra do tanque. Vandalismos que se encontram em toda a parte. O nosso povo não sabe o que é arte; não lhe tem amor; d'ahi tantos attentados, que fazem chorar o coração. Os filhos da *Lapa* deviam-se metter em brio, e restaurar aquele pequeno monumento, tão procurado e visitado pelos romeiros.

Os alfacinhas compravam aquella fonte a peso d'oiro, se a pudessem levar para o Rocio. Coitados! No verão bebem caldo. Nem sei como meia Lisboa não morre envenenada.

Agora mais uns passos, e vamos ao *Miradoiro da Senhora da Piedade*. Depois da ceia costumam ir até ali os romeiros tomar a fresca.

⁽¹⁾ Começou-se a edificar em 1711 «Aquelas paredes desafiam a eternidade» — dizia Fr. João do Nascimento.

Se os homens, na expressão do nosso classico Fr. Luiz da Natividade, «até nas pedras e nos edificios mostram quaes são os seus animos», muito grandes haviam de ser os d'aqueles venerandos Padres.

Estou com elles; falo com uns, e com outros. Como, na *Lapa*, Maria Santissima está em toda parte, ahi rezamos o terço, e cantamos os louvores da bemdita Mãe do Ceu. O local, a hora, o silencio da noite, a luz esplendida da lua, inspiram devoção; todos nos sentimos ali bem. Parece-me que consegui entrasse na tradição da *Senhora da Lapa* a reza do terço, á noite, no *Miradoiro da Piedade*.

Quando lá estou não sei porque, transporto-me, em pensamento, á *Capella da Pietá*, na basilica do Vaticano.

— Se Deus me der saude e vida, para o anno me terá por companheiro em tudo.

— Não vá só, acode logo o Padre Benvenuto, leve consigo muita gente; mas previna, com antecedencia, o benemerito «*Senhor Padre Ferreira*»

SYNDICATOS DE INICIATIVA

A SUA REGULAMENTAÇÃO

PARA publico conhecimento e, especialmente dos interessados, vamos publicar o regulamento da importante providencia que foi decretada pelo Governo, creando os *Syndicatos de iniciativa locais*.

Como esse diploma é bastante extenso, fazemos a sua publicação por partes, a fim de não irmos além do espaço que podemos reservar para esse efeito, sem prejuizo d'outros assumptos.

Reza assim:

MINISTERIO DO COMERCIO E COMUNICAÇÕES

Secretaria Geral do Ministerio e Serviços
d'Obra Publicas

Decreto N.º 8016

Para execução das disposições da lei n.º 1:152, de 23 de Abril de 1921, que criou em todas as estancias hidrologicas, praias, estancias climatericas, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo, comissões de iniciativa com o fim de promover o desenvolvimento das mesmas estancias e fomentar a industria do turismo: hei por bem aprovar o regulamento de que trata o artigo 9.º d'aquella lei, o qual, fazendo parte integrante d'este decreto, com elle baixa assinado pelo Ministro do Comercio e Comunicações.

O Presidente do Ministerio e Ministro do Interior e os Ministros das Finanças e do Comercio e Comunicações assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 24 de Fevereiro de 1922.—ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA — Antonio Maria da Silva — Albano Augusto de Portugal Durão — Eduardo Alberto de Lima Basto.

Regulamento da lei n.º 1:152, de 23 de Abril de 1921

Artigo 1.º—São creadas em todas as estancias hidrologicas e outras (praias, estancias climatericas, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo, comissões de iniciativa com o fim de promover o desenvolvimento das estancias, de forma a proporcionar aos seus frequentadores o meio confortavel, higienico e agradável, quer executando obras de interesse geral, quer realisando iniciativas tendentes a aumentar a frequencia das mesmas estancias e a fomentar a industria do turismo.

§ 1.º—Para os efeitos d'este artigo são consideradas estancias hidrologicas todas as localidades onde são exploradas uma ou mais nascentes de aguas minero-medicinaes e respectivo estabelecimento balnear, por qualquer entidade ou empresa, conforme o alvará ou licença que lhe tenha sido concedido pelo Governo, nos termos da legislação em vigor.

§ 2.º—A area que deve abranger cada estancia hidrologica, para os efeitos d'esta lei e dentro da qual a comissão de iniciativa exercerá a sua acção, será determinada pelo Governo, em decreto, ouvida previamente, por intermedio da

Direcção Geral de Minas e Serviços Geologicos, a inspecção de aguas mineraes

§ 3.º—A classificação de todas as outras localidades, a que se refere o artigo 1.º, bem como a determinação das respectivas areas serão definidas pela Administração Geral das Estradas e Turismo e publicada, em decreto, pelo Ministerio do Comercio e Comunicações.

Art. 2.º—As comissões de iniciativa são constituídas da seguinte forma:

- a) Nas estancias hidrologicas, por:
- 1.º Um delegado do Municipio;
 - 2.º Um delegado da Junta de Freguesia;
 - 3.º Um delegado por cada uma das empresas que explorem as aguas das estancias;
 - 4.º Pelo medico director clinico de cada empresa, ou, no seu impedimento, pelo medico adjunto;
 - 5.º Um delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal;
 - 6.º O regente florestal da respectiva zona;
 - 7.º O chefe de conservação de obras publicas da area respectiva;
 - 8.º Um hoteleiro;
 - 9.º Um proprietario;
 - 10.º Um comerciante.

b) Nas praias, pela mesma forma que nas estancias hidrologicas, excepto o n.º 4, que é substituido pelo delegado ou subdelegado de saude da area respectiva, fazendo tambem parte da comissão de iniciativa o capitão do porto ou delegado maritimo;

c) Nas estancias climatericas, de altitude e de repouso, pela mesma forma que nas estancias hidrologicas, excepto o n.º 4 que é substituido pelo medico da especialidade que dirija o respectivo estabelecimento;

d) Nas outras localidades, como nas estancias hidrologicas, excepto o n.º 4, que é substituido pelo delegado ou subdelegado de saude da area respectiva.

§ 1.º—São vogaes natos os indicados nos n.ºs 4.º e suas alineas, 6.º e 7.º.

§ 2.º Os vogaes mencionados nos n.ºs 1.º, 2.º e 3.º são indicados pelas respectivas colectividades de entre os seus membros.

§ 3.º—O delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal será o presidente da delegação local da mesma Sociedade ou, na sua falta, um socio por ela indicado.

§ 4.º—Os vogaes correspondentes aos n.ºs 8.º, 9.º e 10.º serão eleitos pelos individuos percententes ás respectivas classes.

Art. 3.º—Os administradores do concelho em cuja area tiverem de ser instaladas as comissões de iniciativa, promoverão a sua constituição nos vinte dias seguintes ao da data da publicação d'este regulamento no *Diario do Governo*.

§ 1.º—O administrador do concelho officiará a todas as entidades que tiverem de indicar delegados, pedindo o nome d'esses delegados.

§ 2.º—Os representantes das classes correspondentes aos n.ºs 8.º, 9.º e 10.º da alinea a)

do artigo 2.º são eleitos por dois anos, realizando-se as eleições de dois em dois anos, na época em que a estancia funcionar, e começando os novos eleitos a exercer o seu mandato em 1 de Janeiro do ano seguinte áquele em que se tiver realisado a eleição.

§ 3.º—O administrador do concelho convocará por meio de editaes, com a urgencia exigida para o cumprimento do § 2.º, as entidades comprehendidas na area respectiva, correspondentes aos n.ºs 8.º, 9.º e 10.º da alinea a) do artigo 2.º, e como tal inscritas na Repartição de Finanças, para proceder á eleição, por escrutinio secreto, dos respectivos representantes.

§ 4.º—No primeiro bienio farão parte da comissão, como representantes das classes correspondentes aos n.ºs 8.º, 9.º e 10.º da alinea a) do artigo 1.º, os individuos das respectivas classes residentes, permanente ou temporariamente, na area da comissão, que pagarem maior contribuição pelo exercicio da industria de que são representantes.

§ 5.º A comissão pode ser instalada pelo administrador do concelho logo que esteja presente a maioria dos representantes, ou por qualquer dos vogaes natos, passados os vinte dias a que se refere o corpo d'este artigo.

§ 6.º Logo que se realice a instalação da comissão o administrador ou vogal que tiver tomado a iniciativa da constituição da comissão, comunicará a sua constituição para a Inspeção de Aguas ou Repartição de Turismo, conforme se trate de instancias hidrologicas ou das outras.

Art. 4.º Na sessão de instalação, que deverá ser presidida pelo administrador do concelho ou seu representante, ou pelo vogal nato que tiver convocado a reunião, as comissões elegerão um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, dois secretarios e um administrador-delegado.

§ unico. O administrador do concelho não vota.

Art. 5.º A's comissões de iniciativa compete:

1.º Submeter á aprovação do Governo a importancia da taxa de turismo, época do seu pagamento e latitude da sua applicação;

2.º Organisar o relatorio anual, de que deverá ser submetido um exemplar á Repartição de Turismo, e outros á Inspeção de Aguas Mineraes e Instituto de Hidrologia, quando se trate de estancias hidrologicas, até 30 de Novembro de cada ano, sobre o funcionamento da estancia, d'onde deverão constar as receitas e as despesas, os trabalho realisados e projectados, os planos de melhoramentos a executar e todas as informações que interessem á vida da estancia;

3.º Cobrar dos hoteleiros e proprietarios a taxa de turismo e administrar o seu produto.

4.º Remeter ao Conselho de Estradas e Turismo e Instituto de Hidrologia as percentagens que cabem a estas entidades no produto da taxa de turismo;

5.º Elaborar orçamentos e submete-los á aprovação superior, por intermedio da Repartição

de Turismo, que sobre eles, emitirá a sua opinião, com parecer da Inspeção das Aguas Mineraes, quando se trate de estancias hidrologicas, até o dia 30 de Novembro de cada ano. Os orçamentos serão devolvidos, até 31 de Janeiro seguinte, considerando-se aprovados se não forem devolvidos até aquela data. Dentro dos limites d'estes orçamentos teem as comissões de iniciativa completa autonomia administrativa;

6.º Traçar e propor planos e projectos de melhoramentos;

7.º Contrair empréstimos caucionados com os seus fundos nas mesmas condições em que o podem fazer as corporações administrativas, desde que as propostas respectivas tenham recebido a aprovação superior;

8.º Promover o inventario das reliquias historicas, artisticas e de quaesquer curiosidades dignas de interesse para os viajantes, existentes na localidade;

9.º Promover o cumprimento do determinado pelos regulamentos e prescrições da Direcção Geral de Saude, bem como o que fôr indicado pelas autoridades sanitarias ou por quem tenha competencia legal para tal fim;

10.º Exercer a fiscalisação dos hotéis, restaurantes, pensões e hospedarias, em harmonia com as instruções da Reparação do Turismo;

11.º Aplicar e cobrar multas pelas infracções ao presente regulamento;

12.º Elaborar regulamentos dos seus serviços;

13.º Aprovar as contas do thesoureiro e os actos do administrador delegado;

14.º Exercer a sua acção, em todos os outros casos não especificados, de forma a satisfazer o artigo 1.º d'este regulamento

Art. 6.º Os cargos das comissões de iniciativa são gratuitos, devendo indemnizar o administrador delegado das despesas que o exercício do seu cargo ocasionar.

§ 1.º Os individuos que deixarem de fazer parte das colectividades que representam não poderão continuar a exercer funções nas comissões de iniciativa.

§ 2.º Quando ocorrer qualquer vaga na comissão esta promoverá a sua substituição nos termos d'este regulamento, substituindo-se ao administrador do concelho

Art. 7.º As comissões de iniciativa gosarão de isenção de franquia postal quando se corresponderem com as repartições do Estado.

Art. 8.º Ao presidente da comissão ou na sua falta, ao vice-presidente, compete:

a) Orientar todos os trabalhos da comissão ;
b) Designar dia para as sessões;
c) Distribuir processos para consulta e pareceres;

d) Assinar juntamente com o thesoureiro e o administrador delegado, ordens de pagamento e levantamento das quantias depositadas na Caixa Geral de Depositos ou delegação da mesma.

Art. 9.º Ao administrador delegado compete a execução de todas as deliberações da comissão, excepto as que por sua natureza sejam das atribuições do thesoureiro ou dos secretarios, isto é, a escripturação de pagamentos e recebimentos e o expediente da comissão.

§ unico. No caso de duvidas as comissões determinarão com precisão as atribuições de cada um dos seus membros.

Art. 10.º Cada comissão de iniciativa organizará o seu regulamento interno que deverá indicar o numero de sessões ordinarias, o numero de vogaes com que podem funcionar, distribuição de trabalhos, condições em que os oradores podem usar da palavra e atribuições dos seus vogaes, quando fôr necessario, e todas as outras disposições que ela julgue convenientes.

Art. 11.º As comissões de iniciativa podem executar obras e realisar quaesquer melhoramentos em locais dependentes da acção do Governo ou das corporações administrativas, quando os respectivos projectos forem aprovados por aquelas entidades, não ficando, porém, estas ou quaesquer outras obras ou melhoramentos sujeitos ao pagamento de qualquer taxa ou licença.

§ 1.º Os projectos de obras e melhoramentos serão apresentados em duplicado e constituídos por:

1.º Uma planta topografica da região da escala minima de $\frac{1}{10.000}$, orientada segundo a linha norte-sul astronómica, sedo n'ela indicada a posição rigorosa da obra a executar;

2.º Plantas, alçados e cortes dos trabalhos e obras a executar, na escala minima de $\frac{1}{100}$;

3.º Uma memória descriptiva da obra, modo da sua execução, materiaes a empregar e orçamento.

§ 2.º Quando os respectivos projectos não tenham sido devolvidos ás comissões sessenta dias depois de entregues, consideram-se aprovados

(Continua)

EM VIANA DO CASTELO

JÁ está em Viana do Castelo o material necessario para o elevador que hade ligar a estação do caminho de ferro de Viana do Castelo com o Hotel de Santa Luzia, no monte do mesmo nome.

E' um melhoramento de consideravel importancia para a exploração do hotel, que deve estar a funcionar no proximo verão.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)